



A LEITURA ARENDTIANA DA MENTIRA NA POLÍTICA

THE ARENDTIAN READING OF LIE IN POLITICS

Geraldo Adriano Emery Pereira¹

Resumo

O texto aborda de forma breve o modo como o tema da mentira, na obra de Hannah Arendt, recoloca a discussão sobre o papel da verdade na política. A ocorrência da mentira na política não é descartada pela autora; o que a preocupa é a forma moderna de mentira organizada. Esse tipo de mentira foi expressa, principalmente, mas não somente, no evento totalitário. A mentira organizada, presente nas ideologias e na propaganda de massa impõe riscos para o espaço público.

Palavras-chaves: Mentira; Verdade; Política.

Abstract

The text briefly discusses how the theme of lies in Hannah Arendt's work replaces the discussion of the role of truth in politics. The occurrence of lies in politics is not discarded by the author; what concerns her is the modern form of organized lie. This type of lie was expressed, mainly, but not only, in the totalitarian event. Organized lies, present in ideologies and mass propaganda, impose risks to the public space.

Keywords: Lie; Truth; Politics.

Verdade e Mentira

A Leitura dos textos *Verdade e Política* e *a Mentira na Política*, respectivamente, publicados nas obras *Entre o passado e o futuro* e em *Crises da República*, provocam uma reflexão sobre as tensões e os desconfortos do dizer a verdade nos domínios da ação. Situação

¹ Professor na Universidade Federal de Viçosa/UFV. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. **Autor para correspondência.** E-mail <geralfilemery@gmail.com>.

que talvez possa ser considerada suficiente para se colocar a seguinte perplexidade: o que pode haver de político no dizer a verdade?

Nos dois textos um debate sobre a mentira faz vir à cena a questão acerca do “lugar” da verdade em sua relação com a política, tema que, se confrontado com os estudos arendtianos do evento totalitário, faz ver que o problema não se configura como uma questão menor na obra da autora, mas se coloca como passo importante para se compreender o tratamento que Arendt confere ao tema da ação.

Ao falar sobre a verdade dos fatos Hannah Arendt apresenta, na forma de um exercício de pensamento, como ela mesma sugere, a possibilidade de que um fato seja retirado do mundo, isto é, que seja banido da mundaneidade². Esse banimento dos fatos exige um olhar atento sobre a categoria da mentira na política. No conjunto das considerações da autora, ao falarmos da mentira na política moderna falamos imediatamente em um uso novo dessa categoria que é o da mentira organizada.

A mentira, de maneira geral, parece ser vista por Arendt e pela tradição política como um recurso que se relaciona com a ação nos arranjos de mudança e que até pode atuar na formação e articulação do poder em geral. A verdade pelo seu caráter não persuasivo parece não figurar nesse polo, ou seja, a verdade não é política por natureza. Para a autora “O mentiroso é um homem de ação, ao passo que o que fala a verdade, quer ele diga a verdade fatural ou racional, notoriamente não o é” (ARENDR,2003. p.309).

Uma leitura apressada poderia conduzir-nos à conclusão de que a verdade é avessa à política e a mentira é aliada da ação na mudança do mundo. Contudo, a autora não simplifica as coisas dessa forma. Para Arendt a verdade racional, do filósofo, é excessiva³ para a política, como sugere o comentário de Abensour (2006); segundo ele, Arendt acusa a forma da retirada do filósofo como desmedida “(...) que em sua *hybris* alcança uma negação da pluralidade” (p.57). Neste contexto, a pretensão normativa do filósofo, direcionada para o âmbito da ação, coloca em risco a contingência e a pluralidade. Ela impõe a atemporalidade, padrão da verdade filosófica, contra a temporalidade da durabilidade frágil dos assuntos humanos, isto é, daquilo que está no campo da política.

Por outro lado, Hannah Arendt vê na verdade dos fatos uma importante tensionadora com a política. Se o oposto da verdade racional é o erro ou a ignorância, no caso da verdade

² Cf. ARENDR,2004. p.288

³ Cf. PEREIRA,2014,p.197



dos fatos o seu oposto é a mentira. Ora, se o mentiroso é um homem de ação, e mentir é uma ação, no sentido de mudar as coisas, a verdade dos fatos, mesmo não sendo política por natureza, ao se opor contra a mentira, parece tensionar com a política.

A mentira moderna na política

O debate que a autora faz sobre a verdade, visto pela perspectiva do tema da mentira, é muito marcado pelas situações agenciadas por eventos como o Totalitarismo, o caso dos Documentos do Pentágono e as polêmicas levantadas acerca do julgamento de Eichmann. O tratamento que ela dispensa ao assunto parece seguir de perto as análises de Alexandre Koyré (1945), citado por ela em *Origens do Totalitarismo*. O texto do autor é intitulado *The political Function of the Modern Lie*. Nele, Koyré aborda a mentira moderna na política. No centro da sua análise está o Totalitarismo e a sua propaganda difusora da mentira em massa.

Koyré mostra que a mentira é um artifício que encontra tolerância em diversos âmbitos da vida social. No caso dos costumes, segundo o autor, há momentos em que de fato a mentira é tolerada e até mesmo recomendada (KOYRÉ, 1945. p.292). Para ele, na hipocrisia das convenções sociais e na relação com os inimigos de Guerra, mais que tolerada a mentira é até aconselhada (KOYRÉ, 1945. p.293). Arendt, da mesma forma que Koyré, não descarta esse lugar tolerável da mentira na política. Contudo, o que Koyré assinala e que parece ser um ponto forte na tese arendtiana sobre a mentira organizada é que o Totalitarismo cria uma inovação no uso da mentira. No totalitarismo há um excesso de mentira, ou seja, para ele parece que tudo estaria à serviço da mentira (KOYRÉ, 1945. p.291). No caso do totalitarismo não se trata de uma mentira pontual, acerca de uma ou outra situação, ela não é mero artifício circunstancial, ao contrário, é uma mentira em massa. Mente-se por princípio. De modo que para ele: “A característica distintiva da mentira moderna é a sua consumação em massa”⁴ (KOYRÉ, 1945.p.291)

A inovação no uso da mentira, segundo o mesmo autor, está no fato de que no totalitarismo, tendo por pano de fundo um desdém pela realidade inaugura-se uma primazia da mentira sobre a verdade. Nesta situação, na contramão das sociedades secretas, o totalitarismo conspira em público. A verdade dita tem *status* de mentira e a mentira tem *status* de verdade. Thomas Man (2009), nos seus discursos contra Hitler, mostra os riscos dessa mentira organizada; “em certas bocas até mesmo a verdade se torna mentira, um meio de

⁴ “The distinctive feature of the modern lie is its mass output for mass consumption” (KOYRÉ, 1945.p. 291)

enganar – e não se pode mentir de modo mais repugnante do que dizendo a verdade” (MANN,2009. p.129)

Na tríade Terror, Ideologia e Propaganda a linha divisória entre ficção e realidade apaga-se⁵. Neste sentido, opera-se uma mentira organizada difundida pela propaganda. A propaganda totalitária, segundo Koyré, explora as possibilidades da “antropologia totalitária, isto é, a credulidade e a raridade do pensamento nas massas. “Pensamento, que é razão, a habilidade para distinguir o verdadeiro do falso, para produzir decisões e julgamentos – tudo isso, de acordo com a antropologia totalitária, é muito raro” (KOYRÉ,1945. p. 299)⁶. Neste contexto de desolação (*loneless*) das massas, para usar a expressão de Arendt, Koyré parece ter razão ao sugerir que acerca das massas elas sabem apenas obedecer e acreditar. Essa é uma posição que parece ser corroborada pela opinião de Arendt sobre esses fenômenos:

A eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. (ARENDDT,2000. p.401)

Essas afirmações colocam em cena elementos que parecem corroborar com a tese de Hannah Arendt de que há riscos para a política diante desse apagamento da distinção da linha fronteira entre mentira e verdade. De maneira geral, em Arendt, essa fragilização da fronteira entre o verdadeiro e o falso é a marca de uma instabilidade típica do que ela chama de alienação do mundo, em que sem um mundo comum que relaciona e separa, os homens se veem na desolação e são unificados numa massa⁷.

Tanto no totalitarismo como no caso dos documentos do pentágono, o que está em questão é a mudança do estatuto da mentira na política. Nessa alteração, a mentira deixa de ser um instrumento pontual no jogo dos segredos dos enganos nas relações políticas para ser

⁵ “In other words, the result of a consistent and total substitution of lies for factual truth is not that the lies will now be accepted as truth, and the truth be defamed as lies, but that the sense by which we take our bearings in the real world – and the category of truth vs. falsehood is among the mental means to this end – is being destroyed.” (ARENDDT,1977. p.257)

⁶ “Thought, that is, reason, the ability to distinguish the true from the false, to make decisions and judgments - all this, according to totalitarian anthropology, is very rare” (KOYRÉ,1945. p.299)

⁷ “(...) without a common world which would at once relate and separate them, either live in desperate lonely separation or are pressed together into a mass.” (ARENDDT,1977. p.90)

um poderoso instrumento de mudança total. Isso quer dizer que a mentira organizada permite banir um fato do mundo, com ela é possível colocar em risco o estatuto da realidade. Neste caso, segundo Arendt, é possível que um fato deixe de existir porque gente suficiente acredita na sua não existência. O que esta situação evidencia é uma alteração da temporalidade da fatorialidade e um abuso das possibilidades da contingência. Que algo poderia ter sido de outro modo é uma condição da contingência dos fatos. Porém, a contingência não retroage; a contingência fatorial está para o futuro e não para o passado. Não é possível mudar o passado, mesmo que na intenção da desconstrução da linha divisória entre verdade e mentira esteja a intenção do “Everything is possible”. Para esta possibilidade do “Tudo é Possível” a estabilidade do mundo humano que relaciona e separa parece ser uma barreira a ser rompida. A mentira organizada é um risco à “estabilidade” e a “segurança” da permanência e durabilidade do mundo, principalmente do espaço público.

A mentira e a contingência dos fatos

A mentira tem afinidade com a ação também por lidar com a contingência que constitui a fatorialidade. Acerca dos fatos podemos nos “(...) remover mentalmente de onde estamos fisicamente colocados e *imaginar* que as coisas poderiam ser diferentes do que realmente são” (ARENDR, 2004.p.15). Acerca dos fatos,

Somos livres para reformar o mundo e começar algo novo sobre ele. Sem a liberdade mental de negar ou afirmar a existência, de dizer “sim” ou “não”, nenhuma ação seria possível, e ação é exatamente a substância de que é feita a política. (ARENDR,2004. p.15)

O que é temerário nessa constatação é o abuso dessa liberdade. A liberdade é relativa, ela não é absoluta. Para Arendt, a nossa habilidade para mentir, e não a de dizer a verdade, confirma a nossa liberdade.⁸ Entretanto, “O fato de podermos mudar as circunstâncias sob as quais vivemos é sobretudo porque somos relativamente livres delas, e é essa liberdade que é abusada, pervertida através da mendacidade” (ARENDR,1977.p.250, grifo meu)⁹.

A contingência dos fatos situa a fatorialidade numa linha de ambiguidade. O mundo dos assuntos humanos é ambíguo, uma mentira pode reelaborar os fatos numa série lógica de

⁸ “In other words, our ability to lie – but not necessarily our ability to tell the truth – belongs among the few obvious, demonstrable data that confirm human freedom.” (ARENDR,1977. p.250)

⁹ “That we can change the circumstances under which we live at all is because we are relatively free from them, and it is this freedom that is abused and perverted through mendacity.” (ARENDR,1977.p.250) trad. bras. p.310

coerência e causalidade. A preocupação arendtiana com a mentira organizada retém uma inquietação com a submissão da temporalidade a uma cadeia processual, onde entende-se tudo em termos de processos ao modo de processos causais e historicamente lineares¹⁰. Essa situação rebaixa a dignidade da ação e da política.

Há um mundo, um mundo que também é de fatos e eventos, um mundo humanamente fabricado, que separa e relaciona os homens, tal como uma mesa separa e relaciona os convivas¹¹. O que está em jogo é perder o mundo. “Uma das características da ação humana é a de sempre iniciar algo novo, o que não significa que possa sempre partir *ab ovo*, criar *ex nihilo*.” (ARENDDT, 2004, p.15). Comprometer o mundo coloca, inclusive, em risco as potencialidades do novo da ação.

Na contingência reside a fragilidade da estabilidade dos fatos. A possibilidade da mentira encontra-se na oportunidade de explorar a imagem ou a narrativa de como os fatos poderiam ter sido, com as infinitas possibilidades da contingência que antecede a factualidade. “A falsidade deliberada trata com fatos *contingentes*, ou seja, com coisas que não trazem em si nenhuma verdade inerente, nenhuma necessidade de ser como são” (ARENDDT, 2004, p.16). Como “A veracidade dos fatos nunca é forçosamente verdadeira” (ARENDDT, 2004, p.16), o que está em jogo, na reflexão arendtiana, é a desconstrução da resistência da realidade pelas vias da mentira organizada.

Parece ser, na visão da autora, que é essa condição dos fatos que torna a possibilidade da mentira tão atraente ao uso político. O dizer a verdade dos fatos, o testemunho sobre a realidade, se impõe como resistência à substituição mentirosa dos fatos ocorridos, ou da tentativa de constituição de uma imagem substitutiva da realidade dos fatos. Testemunhar o que é porque é insinua-se como uma resistência política da verdade dos fatos.

Em circunstâncias normais o mentiroso é derrotado pela realidade, para a qual não há substituto; por maior que seja a rede de falsidade que um experimentado

¹⁰ Parece-me que da mesma forma que há riscos para os processos naturais quando invadidos pela imprevisibilidade da ação, há riscos para os assuntos humanos quando invadidos pela perspectiva dos processos naturais. “The dangers of this acting into nature are obvious if we assume that the aforementioned characteristics of human action are part and parcel of the human condition (...) if, therefore, by starting natural processes, we have begun to act into nature, we have manifestly begun to carry our own unpredictability into that realm which we used to think of as ruled by inexorable laws” (ARENDDT, 1977, p.61)

¹¹ This world, however, is not identical with the earth or with nature, as the limited space for the movement of men and the general condition of life. It is related, rather, to the human artifact, the fabrication of human hands, as well as to affairs which go on among those who inhabit the man-made world together. [...] the world, like every in-between, relates and separates men at the same time. (ARENDDT, 1974, p.52)



mentiroso tenha a oferecer, ela nunca será suficientemente grande para cobrir toda a imensidão dos fatos, mesmo com a ajuda de um computador. (ARENDR,2004, p.16)

Acerca da mentira, o Totalitarismo se mostrou como um movimento que usou deliberadamente da mentira na difusão de sua propaganda, e de adaptação do passado à linha política do movimento de suas ideologias¹². O evento totalitário na tríade ideologia, terror e propaganda quebra a resistência da realidade impondo a possibilidade da eliminação total da linha divisória entre ficção e realidade. Nele, a mentira é resituada como um instrumento de construção da “realidade”. Não menos, também o uso deliberado da mentira nos trâmites do governo dos EUA ficou, para a autora, como uma demonstração das várias possibilidades e tentativas de ajuste da realidade, ajuste de sua imagem, e principalmente da remoção total de um fato, de um personagem ou de um evento ocorrido na história¹³. No caso americano mais que o engano da massa implicou no autoengano daqueles que na função de resolvidores de problemas se enganavam com as próprias mentiras ou imagens *pseudo* reais elaboradas por eles.

Há tanto no sistema totalitário, como nas mentiras deliberadas nas questões do governo dos EUA, como relata a autora, um apelo à uma coerência dos fatos, a uma lógica¹⁴ que os conecta, como estratégia de construção das imagens ficcionais da pseudo realidade. O critério de realidade que garante a mentira organizada e que lhe confere vigor de imposição é a lógica da coerência. O vigor da lógica da coerência parece ser o solo de segurança dos que se encontram no isolamento ou na desolação (*loneless*) do totalitarismo¹⁵ ou das massas.

¹² Cf. ARENDR,2004, p.17. “The totalitarian systems tend to demonstrate that action can be based on any hypothesis and that, in the course of consistently guided action, the particular hypothesis will become true, will become actual, factual reality.” (ARENDR,1977, p. 87)

¹³ Cf. ARENDR,2004, p. 20-21

¹⁴ Cf. ARENDR,2004, p. 20. É interessante notar, nesta parte do texto, que, no jogo da “construção da realidade”, no cenário da vida política, a autora apresenta algumas formas de construção das mentiras política. Porém, o ilustrativo é o fato de que o que subverte a realidade é a eliminação do contingente, ou a imposição de um dilema lógico tal com ou A ou B. “A falha de tal raciocínio começa em querer reduzir as escolhas a dilemas mutuamente exclusivos; a realidade nunca se apresenta com algo tão simples como premissas para conclusões lógicas.” *Op cit.* p.21. Porém, nas palavras da autora parece ser esse o arsenal da moderna Teoria Política.

¹⁵ E que espécie de realidade a verdade possui, se é impotente no âmbito público, que, mais que qualquer outra esfera da vida humana, assegura a realidade da existência a homens sujeitos a nascimento e morte – isto é, a seres que sabem ter surgido do não-ser e que, após curto intervalo, novamente nele desaparecerão? (ARENDR,2003. p.283)

1. O que nos protege da mentira organizada

No texto *Origens do Totalitarismo* a autora ao abordar a questão do uso da propaganda como um elemento do movimento da atividade totalitária. A questão testemunhada pelo texto é a da perda da realidade. E é o congruente, o logicamente articulado que se mostra como o elemento convincente. São os olhos e ouvidos, que os conectam a um mundo sensível que aparece no *entre homens*, que perde o status de conectores de uma realidade; uma realidade que, ao se fixar no *entre homens*, espaço da pluralidade, possui uma diversidade de perspectivas. A realidade, com seu status de contingência, passa a ser substituída por algo coerente e supostamente necessário e bem conectado, como um tipo de articulação causal e lógica dos fatos, que elimina a pluralidade.

A logicidade das imagens ideologicamente articuladas substitui a partilha do mundo e as perspectivas plurais como garantidoras da realidade. Assim,

As possibilidades de que a verdade fatural sobreviva ao assédio do poder são de fato por demais escassas; aquela está sempre sob o perigo de ser ardilosamente eliminada do mundo, não por um período apenas, mas, potencialmente, para sempre. (ARENDR,2003, p.287)

Diante dessa perspectiva, cabe perguntar: como resistir à mentira organizada? Com isso, dada as fragilidades dos fatos frente às condições em constante mudança no campo das ocupações e negócios humanos, a sua permanência parece ser constantemente assediada pelo risco da eliminação. É mais provável que o universo das teorias, axiomas e descobertas científicas ganhem mais realidade e estabilidade que os fatos da experiência que alcança os nossos sentidos. Acerca dessas descobertas científica, pode até ser maior a possibilidade que, se esquecidas, sejam redescobertas; diferentemente de uma possível condenação ao esquecimento de um fato de importância política¹⁶.

Frente aos riscos da mentira organizada, a sobrevivência de um mundo após a passagem dos homens, na forma como a autora sugere, está ligada a um outro fazer que mesmo não sendo político garante algo para o político, qual seja, “(...) fazer aquilo que Heródoto foi o primeiro a empreender conscientemente – a saber *légein tá eónta*, dizer o que é. (ARENDR,2003, p.285) Em termos de resistência, para usar uma expressão de Ricoeur

¹⁶ Cf. ARENDR,2003, p.287-288.



(1995)¹⁷ sobre o pensamento de Arendt, o que está em jogo é que “nenhuma permanência, nenhuma perseverança da existência podem ser concebidas sem homens decididos a testemunhar aquilo que é e que lhes aparece porque é.” (ARENDR,2003, p.285)

Dizer e testemunhar promovem algo temporalmente durável, sobre o qual a pluralidade das opiniões pode se debruçar. Parafraseando Arendt, é fato que a Alemanha invadiu a Bélgica, isso não é objeto de persuasão, e essa permanência da memória factual é politicamente relevante. Nestes termos do debate, Eccel, não só tem razão como também dá o tom preciso do que de fato interessa a Arendt, ao colocar o tema da verdade tencionando com a mentira em sua forma moderna de mentira organizada. Para a comentadora, “(...)não é certo afirmar que ao abster-se de criticar a mentira enquanto mentira (...) Arendt se coloque como uma defensora dessa” (ECCEL,2015, p.139). Para Eccel o matiz desse tencionamento de Arendt está, justamente, no fato de que ela “simplesmente não assume o papel de guardiã da verdade e da moralidade e chega a considerar a mentira como uma forma de ação, na medida em que ela “é uma nítida tentativa de alterar o registro histórico” (ECCEL,2015, p.139). Por essa razão, ainda seguindo Eccel, as reservas e perplexidades de Arendt acerca da mentira na política têm seu eixo na crítica que ela faz à mentira ideológica e principalmente à propaganda elaborada com a intenção clara de enganar¹⁸. É sob esse aspecto que de fato o agenciamento do tema da verdade se faz à luz de uma resistência à mentira organizada, que pode vir a ser uma mentira geral.

Portanto, o que nos protege da mentira organizada no mundo da política, dos negócios humanos passa por um adensamento da memória, uma resistência de um fato passado, tencionando com a mudança, seja na forma da mentira ou não. Parece razoável dizer que, mesmo não sendo política, a verdade dos fatos parece atuar politicamente quando resiste à mentira organizada¹⁹. Se a mudança do mundo coloca a mentira no campo da ação, por outro lado não é menos razoável dizer que a ação política, como resistência à mentira organizada, parece colocar a verdade numa “atuação” política, sem transformá-la numa categoria política.

¹⁷ “A conjunção do duradouro e do frágil constitui o caráter trágico do pensamento de Hannah Arendt” (RICOEUR,1995, p.17).

¹⁸ Cf. ECCEL,2015, p.139

¹⁹ “Only where a community has embarked upon organized lying on principle, and not only with respect to particulars, can truthfulness as such, unsupported by the distorting forces of Power and interest, become a political factor of the first order.” (ARENDR,1977. p.251)



Assim, os elementos articulados tiveram a intenção de sinalizar para uma atuação política da verdade dos fatos. Essa implica resistir à mentira organizada que se impõe como substituta da realidade, e que compromete a veracidade presente no viver junto, politicamente, dos homens. A mentira organizada, como um fenômeno moderno - principalmente num cenário das potencialidades técnicas das mídias de massa e do isolamento das sociedades de massa - coloca em risco a estabilidade do mundo, lança no horizonte a possibilidade da máxima totalitária do "Everything is possible". E a verdade dos fatos, na imparcialidade e objetividade, lembrada dos antigos, parece exercer um papel político de resistência aos riscos dessa mentira organizada. O que essas situações modernas revelam é a possibilidade de uma atuação da mentira na mudança dos fatos do mundo, e é nessa resistência que parece residir a atuação política da verdade dos fatos. Resistir por um *amor mundi*.

REFERÊNCIAS

ABENSOUR, Miguel. **Hannah Arendt contre la philosophie politique?**. Paris: Sens et Tonka, 2006.

ARENDDT, Hannah. **Between Past and Future**. Penguin Books;1977

_____. **Crises da República**. Trad. José Volkmann. São Paulo: Perspectiva.2004.

_____. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W.Barbosa.São Paulo:Perspectiva,2003

_____. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

_____. **The Human Condition**. 9ªed. The University of Chicago Press:1974
ECCEL, Daiane. Entre a Política e a Metafísica: Filosofia Política em Hannah Arendt e Eric Voegelin. **Tese de Doutorado**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina,2015. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135091>> Acesso em 23/06/2016

KOYRÉ, Alexandre. **The Political Function of the Modern Lie**. Contemporary Jewish Record. vol.VIII, New York, 1945.

MAN, Thomas. **Discursos contra Hitler**. Trad. Antônio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.

PEREIRA, Geraldo Adriano Emery. Doxa e verdade na teoria da ação de Hannah Arendt. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, N.25.2014.p.190 -202

PEREIRA, G. A. E.

A leitura arendtiana da mentira na política

RICOEUR, Paul. **Em torno ao político.** Da filosofia ao político. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p 15-22.

Artigo recebido em: 17 de novembro de 2016.

Artigo aceito em: 12 de janeiro de 2017.